



História da Historiografia: International
Journal of Theory and History of
Historiography

E-ISSN: 1983-9928

historiadahistoriografia@hotmail.com

Sociedade Brasileira de Teoria e História
da Historiografia

Misiak, Eliane

O retorno do indivíduo como objeto da história: reflexões à luz da teoria semiótica
História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography,

vol. 5, núm. 9, agosto, 2012, pp. 57-71

Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=597769697006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

O retorno do indivíduo como objeto da história: reflexões à luz da teoria semiótica

The return of the individual as object of history: reflections from the semiotic perspective

Eliane Misiak

elianemisiak@furg.br

Professora assistente

Universidade Federal do Rio Grande

Av. Itália, Km 8 – Campus Carreiros

96201-900 – Rio Grande – RS

Brasil

Resumo

A partir do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, o método biográfico, nunca esquecido, retomou um lugar de prestígio na produção historiográfica francesa. Vários são os estudos realizados a fim de explicar as condições desse retorno. O presente artigo pretende, à luz da teoria semiótica, contribuir para tal compreensão a partir da análise da construção e investimento de valores nesse objeto histórico, o indivíduo, que retorna à cena historiográfica. Inicialmente, em oposição ao ponto de vista adotado pelo modelo historiográfico quantitativo e, em um segundo momento, como o resultado de uma mudança paradigmática no seio do próprio método biográfico.

Palavras-chave

Historiografia; Biografia; Semiótica.

57

Abstract

From the late 1970s and early 1980s on, the biographical method - which had never been fully forgotten - regained a place of prestige in the French production of historiography. A variety of studies have been carried out to explain the conditions of this return. This article intends to contribute to the investigation of such field of study from a semiotic perspective, with a focus on the analysis of the construction and investment of values in the so-called historical object, namely the individual, who has reappeared in the historiographical scene - at first, in opposition to the quantitative historiographical model and, then, as a result of the paradigmatic shift of the biographical method itself.

Keywords

Historiography; Biography; Semiotics.

En effet, si l'historiographie peut avoir recours aux procédures sémiotiques pour renouveler ses pratiques, elle leur est elle-même offerte comme un objet, en tant qu'elle constitue un récit ou un discours propre (CERTEAU 1975, p. 53).

A fronteira, sempre “*floue et instable*” (LORIGA 2010, p. 15), que separa a biografia da história fez um novo movimento entre o final dos anos 1970 e o início dos anos 1980 na França. O indivíduo, preterido pelas massas, voltou a ocupar o centro das preocupações de alguns historiadores. Biografia e história se reaproximaram.

Tal retorno foi identificado por alguns historiadores como sendo um sintoma da “crise” paradigmática da história científica (STONE 1980). Outros, com uma explicação menos grave, identificaram-no como sendo um questionamento do modelo dominante de história social produzida na França pela *École des Annales*. Independentemente da razão, por seu hibridismo, entre uma identidade puramente literária e uma identidade propriamente científica, entre verossimilhança e verdade, entre vulgarização e “*histoire savante*”, a biografia histórica sempre se apresentou como um elemento de tensão, excelente território de investigação da multiplicidade das experiências.

Apontado como sendo uma reação a um momento bem definido da produção historiográfica francesa, o retorno da biografia não implicou, contudo, na renúncia a este tipo de história social, isto é, à apreensão do substrato profundo da história. Também não se tratava da constituição de uma nova escola, nem de uma nova corrente teórica. Tratou-se, mais provavelmente, de uma interrogação sobre os procedimentos metodológicos da história social, de uma preocupação com a construção dos objetos históricos e, também, de uma reflexão sobre a dimensão narrativa da escrita da história, fatores que, se relacionados, poderiam dar uma certa unicidade a essas diferentes reações.

Com efeito, após um longo período de declínio diante da valorização de categorias impessoais, de uma história exibida sem sujeito, “desencarnada”, o método biográfico reaparece como um instrumento de conhecimento, dentre outros, para as ciências humanas em geral e para a história em particular. O indivíduo retorna ao centro das preocupações de alguns historiadores.

Como, entretanto, explicar o retorno de um objeto de estudo eclipsado durante tanto tempo nesse campo de saber? Trata-se do mesmo objeto? Isto é, o indivíduo retorna ao campo da escrita histórica investido dos tradicionais valores do método biográfico? À luz da teoria semiótica, tentaremos contribuir para elucidar algumas dessas questões através de uma análise dos valores (re)construídos e atribuídos a esse já bastante antigo objeto do discurso histórico biográfico: o indivíduo.

Partindo-se da definição de objeto ou, mais precisamente, de objeto de valor proposto pela teoria semiótica, isto é, “o lugar de investimento de valores com os quais o sujeito está em conjunção ou em disjunção” (GREIMAS; COURTES 2011, p. 347), vamos procurar identificar de que forma alguns historiadores, concernidos pelas reflexões epistemológicas que pautaram os anos 1970-1980, conseguiram recuperar ou resignificar, positivamente, a noção de indivíduo

enquanto objeto da história. Trata-se de um simples retorno do “renegado” ou da seleção e inscrição de novos valores, capazes de modificar o objeto? Refletir sobre a noção de categorização dos valores e seus diferentes modos de existência, responsáveis por caracterizar o objeto de valor tratado – o objeto indivíduo –, significa pensá-la a partir de sua própria historicidade. Ela depende do contexto institucional, isto é, do “lugar” de onde se fala (CERTEAU 1975).

Dante do modelo historiográfico dominante na época, é possível perceber, primeiramente, uma mudança do paradigma de valor. À história das estruturas, quantitativa, desenvolvida pelos *annalistes*, que possuía como objeto de estudo o coletivo, os agregados massivos, os historiados interessados pelo método biográfico opõem o estudo dos destinos individuais.

Entretanto, também é possível perceber que não se tratava de retomar a biografia segundo o modelo tradicional. A biografia, na sua forma tradicional, isto é, “*superficie, anecdotique, plateument chronologique*” (LE GOFF 1989, p. 50), estava, segundo o medievalista, gasta e desacreditada junto à comunidade historiadora, ainda que continuasse, e continue, sempre, a existir. A figura clássica do herói (santos, cavaleiros, reis, militares, homens políticos, por exemplo), exemplar e ilustrativa, divide ou cede seu lugar ao homem ordinário, ao homem qualquer, ao desconhecido, isto é, aos excluídos do processo histórico, e que foram “descobertos” através dos estudos sobre a cultura popular, dos trabalhos de história oral ou da história das mulheres.

Sempre à luz da teoria semiótica, tentaremos ver essas mudanças a partir da forma pela qual os valores são, em um primeiro momento, atribuídos paradigmaticamente ao objeto. Em um segundo momento, veremos de que forma esses valores são selecionados e combinados pelo enunciador de modo a criar tipologias distintas. Assim, será possível perceber a forma através da qual o ponto de vista adotado pelo método biográfico opõe-se, primeiramente, ao ponto de vista adotado pelo modelo historiográfico quantitativo e, em um segundo momento, a emergência da distinção paradigmática no seio do próprio método biográfico.

59

Da noção de valência à noção de valor

Antes de proceder à identificação dos valores que cada um desses momentos historiográficos (a história quantitativa e, sobretudo, a biografia) investiu em seu respectivo objeto de estudo, vejamos de que forma todo valor aparece no espaço perceptível da significação e, posteriormente, transforma-se em objeto de valor significante.

Partindo-se da noção de percurso epistemológico da teoria semiótica¹ devemos, inicialmente, retornar ao espaço tensivo, situado anteriormente aos espaços semionarrativo e discursivo, de modo a demonstrar que o sentido diz respeito tanto ao sensível (a intensidade) quanto ao inteligível (a extensão).

¹ O percurso epistemológico da teoria semiótica apresenta três espaços ligados por procedimentos diferentes e não lineares: o espaço tensivo, o espaço semionarrativo e o espaço discursivo. Ao invés de tratar os problemas teóricos e metodológicos como problemas lógicos, de acordo com o percurso generativo da significação proposto na década de 1960, a teoria semiótica passa a tratá-los sob o ângulo fenomenal. Ela passa a “examiner la formation des différences significatives et des positions axiologiques à partir de la perception et de la présence sensible de ce phénomène” (FONTANILLE 2004, p. 15).

O espaço tensivo é aquele espaço onde são regidas as modulações de energia e cuja instância é o sujeito da percepção. Através de um sujeito perceptivo, os gradientes pertencentes a esse espaço são colocados em perspectiva e orientados segundo as valências perceptivas da intensidade e da extensão e se transformam em grandezas semânticas. A orientação desses gradientes a partir de um centro dêitico ou de um observador permite concluir que o corpo próprio do sujeito que sente é o lugar onde se fazem e são sentidas as correlações entre valências perceptivas.

O termo valência, pertencente, inicialmente, ao vocabulário da química, designa, globalmente, a ligação tensiva e o número de ligações que unem o núcleo e seus periféricos. Os periféricos são definidos pela atração que exerce sobre eles o núcleo e sua potência de atração, reconhecível pelo número de periféricos que consegue manter sob sua dependência. Há, portanto, dois gradientes, de intensidade e de quantidade, um sob o controle do outro, o que explica a relação de dependência entre eles e produz os efeitos de coesão.

Posteriormente, o termo valência foi apropriado pela teoria semiótica quando esta percebe que o valor de um objeto deve-se tanto à intensidade, à quantidade, ao aspecto ou ao tempo de circulação desses objetos, quanto aos conteúdos semânticos e axiológicos. As valências tornam-se condição necessária de emergência do valor. Os dois grandes tipos de valência responsáveis pela regulação dos universos de valor são, então, as valências de intensidade, compreendidas como “énergie qui rend la perception plus ou moins vive”, e as valências de extensão, compreendidas como “morphologies quantitatives du monde sensible, qui guident ou contraignent le flux d'attention du sujet de la perception” (FONTANILLE; ZILBERBERG 1998, p. 14).

As valências são, assim, definidas a partir de sua participação em uma correlação de gradientes orientados em função de sua tonicidade, tônica ou átona, de onde seu aspecto tensivo. Nesse espaço, os gradientes, isto é, o modo contínuo das grandezas consideradas, são colocados em perspectiva por um sujeito perceptivo e, a partir desta orientação, eles são convertidos em profundidades semânticas.

A noção de valor, por sua vez, surge como o resultado dessa correlação ou, preferencialmente, da tensão estabelecida entre as valências. A análise de um valor requer, assim: “i) deux gradients au moins qui, dans la mesure où ils sont orientés, fonctionnent pour le sujet d'énonciation comme des profondeurs, et ii) sur chacune de ces profondeurs, une variation qui est probablement identifiable à une variation d'intensité ou d'extensité” (FONTANILLE; ZILBERBERG 1998, p. 16).

Posteriormente, deixando o espaço tensivo, a rearticulação das valências em valores no espaço semiônarrativo supõe a conversão das dependências ou independências em diferenças: contrariedade, contradição e complementaridade. As três relações, reunidas no quadrado semiótico,² são responsáveis pela organização e definição da categoria semântica, isto é, “les seuils ou limites

² O quadrado semiótico, um dos pilares da teoria semiótica, é responsável pela definição das operações lógico-semânticas do percurso epistemológico.

projétés sur les valences deviennent les frontières d'une catégorie stabilisée et discrétable" (FONTANILLE; ZILBERBERG 1998, p. 21). Na sequência, o sujeito sensível, do espaço tensivo, torna-se sujeito semionarrativo, responsável pela divisão axiológica do seu universo, isto é, pela polarização entre euforia e disforia.³ Assim surge, semioticamente, o conceito de valor: "la valeur comme différence qui organise cognitivement le monde visé, et la valeur comme enjeu axiologique qui polarise la visée elle-même" (FONTANILLE ; ZILBERBERG 1998, p. 22).

Da inscrição dos valores: valor de absoluto e valor de universo

As duas profundidades previstas, a intensidade e a extensão, constituirão o intervalo ao longo do qual irão se inscrever os valores. Para a primeira profundidade, a intensidade, irão se inscrever os valores de absoluto. Para a segunda, a extensão, irão se inscrever os valores de universo. Procuraremos, então, identificar quais são, como se constituem e se organizam, paradigmaticamente, no espaço tensivo das valências, os valores que vão definir, ou mesmo opor, de um lado, o objeto da história quantitativa e, de outro, o objeto do método biográfico.

Partindo-se da existência de duas profundidades, é possível observar duas configurações. Do lado da biografia, o vigor, o brilho, espécie de energia que torna a percepção mais ou menos viva, é mais importante que a extensão. Do ponto de vista da história quantitativa, privilegia-se a difusão. Cada método adota perspectivas diferentes, ou, como no presente caso, opostas. A biografia escolhe os valores de absoluto e a história quantitativa os valores de universo. Com efeito, com relação às estruturas elementares da significação, obtém-se uma estrutura binária, resultado da oposição entre dois termos contrários: o absoluto *vs* o universal. Cabe observar que se trata de uma relação de disjunção, isto é, as valências inscritas sobre cada um dos eixos irão variar no sentido inverso.

Em um segundo momento, na abordagem sintagmática, é necessário começar a tomar as valências a partir de uma relação de conjunção ou de disjunção. No caso da conjunção, as valências irão variar no mesmo sentido (mais convoca sempre mais e menos convoca sempre menos). No caso da disjunção, as valências irão variar no sentido inverso. Uma vez estabelecidas, essas duas correlações originam dois regimes distintos. Quando a relação é conversa tem-se o regime de participação. Quando, ao contrário, a relação é inversa, tem-se o regime de exclusão. Participação e exclusão, isto é, correlação conversa e correlação inversa, respectivamente, podem auxiliar a compreender, por exemplo, "les différences entre catégories à frontière floue et catégories à frontière nette" (FONTANILLE; ZILBERBERG 1998, p. 21). Cada um dos regimes possui, ainda, seu próprio operador: a triagem é o operador da exclusão (*exclusivo vs excluído ou puro vs impuro*) e a mistura é o operador da participação (*igual vs desigual*).

³ Euforia, disforia e aforia correspondem, respectivamente, às versões positiva, negativa e neutra da foria.

Tratando-se de grandezas relacionadas à quantidade, é pertinente analisar as valências, inicialmente, segundo a profundidade extensiva, isto é, segundo as organizações mereológicas do mundo sensível, que dizem respeito às relações entre as partes e entre as partes e o todo. Para tanto, é necessário convocar os dois operadores responsáveis por essa profundidade: a triagem e a mistura. Em um segundo momento, cada operação poderá variar segundo a tonicidade, isto é, entre átono ou tônico. Como resultado, sistematizado no quadro abaixo (FONTANILLE; ZILBERBERG 1998, p. 21), obtém-se a definição das quatro figuras capazes de representar a quantidade: a unidade/nulidade e a totalidade resultam da operação de triagem, tônica e átona, respectivamente, e a universalidade e a diversidade resultam da operação de mistura, tônica e átona, respectivamente.

		TRIAGEM	MISTURA
TÔNICO	Unidade/nulidade	Universalidade	
ÁTONO	Totalidade	Diversidade	

Observando-se o quadro e a disposição das figuras nas colunas, percebe-se que elas representam os dois regimes possíveis: as duas figuras da esquerda, resultantes da operação de triagem, representam o regime de exclusão (unidade/nulidade e totalidade), enquanto que as duas figuras da direita, resultantes da operação de mistura, representam o regime de participação (universalidade e diversidade).

62

A partir da introdução desses dois regimes, é possível complementar a primeira distinção entre o método quantitativo e o método biográfico, que antes opunha simplesmente duas ordens de valores, o universal e o absoluto. A história quantitativa apresenta-se como uma semiótica da mistura que pode, segundo a tonicidade, passar, por excesso, da diversidade à universalidade ou, por falta, passar da universalidade para a diversidade. Já a biografia se apresenta como uma semiótica da triagem, permitindo passar da totalidade à unidade ou vice-versa, por excesso ou por falta. Observa-se, por conseguinte, o desdobramento dos termos e uma escolha no interior de cada ordem de valores.

Uma lógica da totalidade é apresentada, por exemplo, por Thomas Carlyle. No século XIX, representante da biografia heroica, Carlyle sustentava que a vida social era o resultado de todas as vidas individuais que compõem a sociedade. Esta história, segundo ele, traduzir-se-ia através da história de seus heróis, isto é, "l'Histoire des grands hommes qui ont œuvré ici-bas. Ils ont été les conducteurs des hommes, leurs modèles, leurs références et, dans une acception large du terme, les initiateurs de tout ce que la grande masse des humains s'est efforcée de réaliser ou d'atteindre" (CARLYLE 1998, p. 23).

Contrariamente, por excesso, pode-se passar do todo à unidade ou mesmo à nulidade. A figura da unidade é a mais difundida entre os biógrafos. Sobre ela também repousa o maior número de críticas. Segundo Emmanuel Le Roy Ladurie "l'historiographie contemporaine, qui se veut quantifiée, massique, structurale, a été contrainte, préjudiciellement, de tuer pour vivre: elle a

condamné à une quasi-mort, voici quelques décennies, l'histoire événementielle et la biographie atomistique" (LE ROY LADURIE 1972, p. 72).

Para aqueles historiadores que retomaram, criticamente, o método biográfico, várias razões justificariam a triagem, a unidade, a escolha do indivíduo. Bernard Guénée, por exemplo, afirma que "une biographie permettait d'accorder plus d'attention au hasard, à l'événement, aux enchaînements chronologiques, qu'elle seule pouvait donner aux historiens le sentiment du temps qu'avaient vécu les hommes" (GUENEE 1987, p. 13-14). Para Pierre Levillain, "la biographie est le meilleur moyen, en revanche, de montrer les liens entre passé et présent, mémoire et projet, individu et société et d'expérimenter le temps comme épreuve de la vie" (LEVILLAIN 1996, p. 158) .

Entretanto, se a oposição criada a partir dos operadores da profundidade extensiva, responsáveis pelos regimes de exclusão e de participação, é capaz de distinguir o modelo biográfico em geral do modelo quantitativo, por outro lado, ela não é suficiente para explicar como são criadas as distinções, e mesmo as oposições, no interior do próprio modelo biográfico. Faz-se, então, necessário subdividir a profundidade de extensão segundo seus dois operadores, a triagem e a mistura, para cada valor separadamente. E, depois, acrescentar uma segunda valência à primeira. Deve-se acrescentar à profundidade de extensão a profundidade de intensidade, seguida de seus dois operadores: a abertura e o fechamento. O quadro abaixo sistematiza as novas operações (FONTANILLE; ZILBERBERG 1998, p. 39).

63

	ABERTURA / FECHAMENTO (profundidade intensiva)	MISTURA / TRIAGEM (profundidade extensiva)
VALORES DE UNIVERSO	ABERTO = LIVRE FECHADO = EXCLUÍDO	MISTURADO = COMPLETO PURO = INCOMPLETO
VALORES DE ABSOLUTO	ABERTO = COMUM FECHADO = DISTINTO	MISTURADO = DISPARATADO PURO = ABSOLUTO

Vejamos, primeiramente, o resultado das operações de triagem e de mistura sobre a profundidade de extensão. Aplicando-se a operação de triagem sobre os valores de universo, a figura que resultará será a da incompletude. Por outro lado, ao aplicar-se a operação da mistura, a figura resultante será a da completude. O mesmo procedimento, aplicado aos valores de absoluto, dará origem à figura de absoluto pela operação de triagem e de disparatado pela operação da mistura. Os quatro termos reunidos mostram que existe uma variação no interior de cada ordem, de absoluto e de universal, de acordo com a tonicidade das operações.

Em um segundo momento, duas novas operações, de abertura e de fechamento, impõem-se sobre o eixo da intensidade. Aplicando-se a operação de fechamento sobre os valores de absoluto, tem-se como resultado a figura do distinto, enquanto que a operação de abertura dá origem à figura do comum. Aplicando-se as mesmas operações sobre os valores de universo, a operação de fechamento gera a figura de excluído, enquanto que a operação de abertura

gera a figura do livre. Os quatro termos reunidos indicam, como nas operações anteriores, a existência de uma variação no interior de cada ordem (de absoluto e de universal), de acordo com a tonicidade da abertura e do fechamento.

Com efeito, as duas ordens de valores, de absoluto e de universo, definem-se a partir das duas profundidades, cada qual com seus próprios operadores. Pode-se, então, observar o desdobramento que ocorre em cada uma das ordens e, consequentemente, a emergência de uma segunda dêixis, agora interna. Além disso, os termos assim desdobrados criam, no interior de cada ordem, novas possibilidades sintáticas, às vezes opostas, que tornam mais complexa a tipologia inicial. Se isolarmos os valores de absoluto, e refazendo-se a distribuição dos operadores e das figuras, observaremos com maior clareza as distinções internas da ordem, conforme o quadro que segue:

VALORES DE ABSOLUTO		
Profundidade Intensiva	Fechamento DISTINTO	Abertura COMUM
Profundidade Extensiva	Triagem ABSOLUTO	Mistura DISPARATADO

Tomando-se, unicamente, a ordem dos valores de absoluto, torna-se manifesta a existência de uma divisão interna, capaz de criar duas subdivisões diferentes. Duas dêixis, uma para cada coluna, podem ser identificadas. As figuras de absoluto e de distinto, de um lado, ou de disparatado e de comum, de outro, serão selecionadas positiva ou negativamente em função da perspectiva axiológica do sujeito enunciador.

Retornando às grandezas enunciativas presentes no discurso biográfico histórico, tem-se que, de modo geral, os termos que marcam a oposição entre os dois modelos são, para a biografia tradicional, “o grande homem”, “o homem distinto”, “o conhecido”, enquanto que para a biografia que caracteriza parte da produção a partir dos anos 1970, resultante dos questionamentos epistemológicos que marcaram o período, aparecem como figuras “o homem qualquer”, “o homem ordinário”, “o desconhecido”, “o marginal”.

Sabendo-se que os dois modelos têm sua origem na ordem de valores do absoluto, é preciso, então, buscar as especificidades de cada um deles nos desdobramentos possíveis das duas profundidades. Sobre o eixo da intensidade, pode-se caracterizar o primeiro grupo de grandezas como sendo o resultado da operação de fechamento, enquanto que o segundo grupo resulta da operação de abertura. O primeiro grupo de grandezas reforça os valores de absoluto, enquanto que o segundo grupo os enfraquece. As figuras distinto e comum podem representar, respectivamente, as operações de fechamento e de abertura. Posteriormente, sobre o eixo da extensão, o primeiro grupo de grandezas enunciativas expressa a operação de triagem, enquanto que o segundo grupo expressa a operação de mistura, sendo o absoluto e o disparatado as formas respectivas de suas figuras. Enquanto a figura de absoluto reforça os valores de absoluto, a figura de disparatado os enfraquece.

Como já havia sido dito, é importante definir, inicialmente, o espaço tensivo das valências de intensidade e de extensão, e suas correlações, capazes de decompor os termos de absoluto e de universo. Os subtermos, resultantes dessa decomposição, poderão ser recombinados diferentemente e gerar novas figuras. É possível, então, no que diz respeito ao método biográfico, distinguir dois modelos a partir do ponto de vista das operações escolhidas, e associadas, para cada profundidade existente. A biografia tradicional escolheu as operações de fechamento e de triagem e suas figuras tipológicas são o distinto e o absoluto. O novo modelo biográfico, por outro lado, passou a selecionar e combinar as operações de abertura e de mistura, introduzindo as figuras do comum e do disparatado.

Essa distribuição, a partir de uma abordagem sintagmática, permite o cruzamento das duas profundidades a partir de seus termos extremos, isto é, uma intensidade sem extensão, o “único”, ou uma extensão sem intensidade, o “universal”. De onde se originam as noções de concentração e de expansão. A concentração é característica da ordem dos valores absolutos (modelo biográfico), enquanto que a expansão é característica da ordem dos valores de universo (modelo quantitativo).

Da direção e do limite

Para uma análise sintagmática dos valores, devem ser levadas em consideração também as noções de direção e de limite, pois elas são responsáveis pelo seu dinamismo.

No caso da direção, o regime que indica o ponto de vista adotado pelo enunciador definirá também a dêixis, positiva ou negativa. Quando se tratar de um regime que visa os valores de absoluto, a escolha das grandezas irá, invariavelmente, na direção de um máximo de intensidade associada à unidade e suas grandezas serão avaliadas positivamente. Em um regime que visa os valores de universo, onde as grandezas serão escolhidas em função de sua extensão, apenas a grandeza que tem por sentido a universalização será avaliada positivamente. Essa oposição é evidente quando são opostas duas ordens diferentes, aquela dos valores de universo e aquela dos valores de absoluto. Tem-se, assim, o par exclusão-concentração para os valores de absoluto e o par participação-extensão para os valores de universo. Quando, entretanto, a distinção se apresenta no interior de uma mesma ordem, deve-se acrescentar e avaliar a noção de limite.

Segundo elemento responsável pelo dinamismo sintático, o limite pode ser entendido como a aspectualização dos regimes de valor. Isto é, as noções de exclusão e participação passam a se apresentar como uma configuração total ou uma configuração parcial. Na configuração total, evidentemente, não existe graduação possível entre os princípios de exclusão e de participação. Entretanto, no caso da configuração parcial, é possível vislumbrar a participação dos excluídos no regime de exclusão e a exclusão dos participantes no caso do regime de participação.

Vejamos, então, de que forma as noções de direção e de limite operam na ordem de valores de absoluto a fim de poder elucidar algumas diferenças existentes no seio da modalidade biográfica.

Primeiramente, para a biografia tradicional, e anteriormente a qualquer diferenciação interna, a dêixis escolhida como positiva é a do regime de exclusão-concentração, resultado da associação das operações de fechamento (profundidade intensiva) e triagem (profundidade de extensão). Entretanto, sabe-se que há uma diferenciação no nível interno dessa ordem. Quatro figuras representam os termos dos valores de absoluto: o absoluto, o disparatado, o distinto e o comum. É, justamente, através deste desdobramento de valores, desta subaxiologização dos valores, que é possível compreender a existência de dois modelos diferentes no interior do método biográfico.

Se, de um lado, as figuras de absoluto e distinto mantém a tonicidade dos operadores de fechamento e de triagem, de outro, as figuras de disparatado e de comum introduzem a abertura e a mistura na ordem de valores do absoluto. Cria-se, assim, uma nova dêixis, interna. Será o ponto de vista adotado pelo enunciador que decidirá a direção que ordenará os valores do discurso. Se ele adotar a perspectiva do fechamento e da triagem, as figuras de absoluto e de distinto irão compor a dêixis positiva. As escolhas da abertura e da mistura, cujas figuras são o disparatado e o comum, comporiam a dêixis negativa. A mudança de perspectiva implica na mudança da dêixis.

Pode-se, assim, identificar um primeiro elemento capaz de distinguir os dois modelos biográficos. A biografia tradicional adota o ponto de vista que associa fechamento e triagem. Assim, os indivíduos que são o seu objeto de estudo representam as figuras do absoluto e do distinto que, dependendo do personagem escolhido, podem aparecer associadas. A reunião dessas duas figuras traduz o caráter exemplar e ilustrativo que tais personagens oferecem à humanidade. Os grandes homens, os homens ilustres, os heróis, indivíduos dignos de tal abordagem, identificados, necessariamente, como sendo os atores da história, exemplificam tal modelo. Reis, príncipes, chefes militares, homens políticos, isto é, verdadeiro panteão da humanidade.

Entretanto, com a emergência de outras disciplinas do social, outros atores sociais foram revelados. A história social contribuiu largamente para isso, mas tomou os novos atores da história de forma coletiva: os operários e os camponeses, por exemplo. Segundo François Furet,

pour l'histoire d'hier et d'aujourd'hui, la notion de classes inférieures évoque d'abord celle de nombre et d'anonymat. Car l'homme des classes inférieures n'existe pour l'historien que perdu dans l'étude démographique ou sociologique; l'histoire noble, qui fut longtemps la seule histoire – celle qui honore et récompense les personnalités – l'a ignoré. L'histoire aujourd'hui le reintègre dans l'aventure humaine par l'étude quantitative des sociétés du passé: mais il y reste silencieux (FURET 1963, p. 459).

Está-se diante do que Félix Torres chamou de *hommo demographic* ou *hommo economicus*, ambos representativos “de l'homme anonyme, qui est en même temps 'l'homme abstrait'” (TORRES 1985, p. 142).

Pouco a pouco, outras perspectivas, mais atentas ao cotidiano, ao vivido e à subjetividade não apenas dos operários e dos camponeses, mas também das mulheres, dos loucos, das crianças, dos marginais, foram surgindo. É neste contexto que o método biográfico retorna ao campo da “*histoire savante*”. Sempre atento aos destinos individuais, mas sob as perspectivas da abertura e da mistura, isto é, atento aos destinos comuns e disparatados. Trata-se de um novo aporte. Podemos ler, então, nas capas das obras biográficas nomes inabituais, desconhecidos, insólitos: Menocchio, Martin Guerre, Joseph Sec, Théodore Desorgues, Jacques-Louis Ménétra, Louis-François Pinagot. Nas prateleiras desfilam moleiros, camponeses, poetas, vidraceiros, fabricantes de tamancos. Todos eles, mesmo sem saber, atores da história.

Existe também uma diferença que se apresenta em função dos limites da ideia de participação ou de exclusão. A biografia tradicional não deixa margens para a participação. Seus personagens são sempre da ordem do distinto ou do absoluto, às vezes, os dois somados, de modo que qualquer forma de excesso leva à unicidade. Nesse sentido, Luís XIV e Napoleão, por exemplo, são únicos, incomparáveis, heróis puros. Eles concentram os valores de absoluto e a exclusão domina todo o campo.

Já o novo modelo biográfico se apresenta como uma configuração parcial. O “um” não significa necessariamente o absoluto. Ao contrário, ele pode ser comum ou disparatado, ou os dois conjugados. A noção de representatividade não está mais associada àquela de exemplaridade, de ilustração. Às vezes, as noções de multiplicidade de contextos, de ligações múltiplas, sobrepõem-se às de representatividade. Está prevista, assim, uma zona de participação por melhoramento. No caso da profundidade extensiva, a biografia prosopográfica, por exemplo, sem cair na universalização, defende que as biografias individuais passam a ter interesse quando ilustram comportamentos ou aparências ligados às condições sociais estatisticamente mais frequentes.

Nas décadas de 1970 e 1980, um importante número de obras privilegiou, sobretudo, personagens que representavam as figuras do comum e do disparatado, somadas ou não. Entretanto, isso não significou o desaparecimento das figuras do absoluto e do distinto, sobretudo para aqueles períodos da história não tão bem documentados. Nesses casos, a tonicidade do fechamento e da triagem pode variar no sentido descendente ou a abordagem pode ser feita, por exemplo, através da revisão da escala de observação, alterando a noção de ponto de vista, macro ou micro.

Para concluir, e retomando a noção de objeto de valor a partir de sua existência semiótica e, particularmente, do objeto do qual se ocupa a história – coletivo ou individual – dependendo da abordagem metodológica escolhida, reitera-se que a realidade do discurso é apenas a sua camada manifesta. Na obra *Semiótica das paixões*, a existência semiótica é descrita como uma “presença na ausência” (GREIMAS; FONTANILLE 1991, p. 10), isto é, ela se caracteriza por sua relação com o campo de presença do sujeito que percebe e, sobretudo, em termos de modulações recíprocas da presença e da ausência.

No presente caso, observando-se as particularidades dos modelos historiográficos analisados e, em decorrência, dos objetos de valor correspondentes, tem-se um bom exemplo de diferentes modos de existência que podem assumir esses mesmos objetos a partir de uma determinada intencionalidade, ligada à incompletude e à desilusão, isto é, à diferença sensível entre a manifestação oferecida e aquilo que era esperado.

É assim que percebemos esse período de retomada da biografia por alguns historiadores. Não satisfeitos com os trabalhos conduzidos pela história científica, eles retomam o método biográfico, mas a partir de um modelo distinto daquele até então desenvolvido pela biografia tradicional. Isto é, retoma-se o objeto de investigação a partir de um duplo fundamento de negatividade.

Referências bibliográficas

- BERTRAND, Denis. **Précis de sémiotique littéraire**. Paris: Nathan, 2000.
- BONNET, Jean-Claude. **Naissance du panthéon: essai sur le culte des grands hommes**. Paris: Fayard, 1998.
- BORDRON, Jean-François. L'objet en parties. **Langages**, nº 103, Paris: Larousse, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. **L'illusion biographique, raisons pratiques**. Paris: Seuil, 1994.
- BRONDAL, Viggo. Omnis et totus. **Actes sémiotiques documents**. Paris: EHESS-CNRS, VIII, 72, 1986, p. 11-18.
- BURGUIERE, André. Histoire d'une histoire: la naissance des Annales. **Annales ESC**, novembre-décembre, 1979, nº 6, p. 1347-1359.
- CARLYLE, Thomas. **Les héros**. Paris: Maisonneuve, 1998.
- CERTEAU, Michel de. **L'absent de l'histoire**. Paris: Mame, 1973.
- _____. **L'écriture de l'histoire**. Paris: Gallimard, 1975.
- _____. **Histoire et psychanalyse entre science et fiction**. Paris: Gallimard, 1987.
- CORBIN, Alain. **Le monde retrouvé de Louis-François Pinagot, sur les traces d'un inconnu (1798-1876)**. Paris: Flammarion, 1998.
- Diogène**, La biographie, nº 139, sept. 1987.
- DOSSE, François. **L'histoire**. Paris: A. Colin, 2000.
- _____. **Le pari biographique: écrire une vie**. Paris: Editions La Découverte, 2005.
- _____. **Historicités**. Paris: Ed. La Découverte, 2009.
- DUBY, Georges. De l'autobiographie. **Le Débat**, nº 23, 1983, p. 147-152.
- _____. **Guillaume le Maréchal: le meilleur chevalier du monde**. Paris: Fayard, 1984.

- _____. **L'histoire continue**. Paris: Éditions Odile Jacob, 1992.
- _____. L'art, l'écriture et l'histoire. **Le Débat**, nº 92, novembre-décembre 1996, p. 174-191.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. Valence/Valeur. **Nouveaux Actes Sémiotiques**, 46-47, Limoges: PULIM, 1996, p. 13-69.
- _____. **Tension et signification**. Liège: Mardaga, 1998.
- FONTANILLE, Jacques. Point de vue: essai de définition discursive. **Protée**, volume 16, nº 1-2, Chicoutimi: Université du Québec, hiver-printemps 1988.
- _____. **Les espaces subjectifs**: introduction à la sémiotique de l'observateur. Paris: Hachette, 1989.
- _____. **Sémiotique du visible**: des mondes de lumière. Paris: P.U.F., 1995.
- _____. **Sémiotique et littérature**: essais de méthode. Paris: P.U.F., 1998.
- _____. **Sémiotique du discours**. Limoges: PULIM, 1998.
- _____. Modes du sensible et syntaxe figurative. **Nouveaux Actes Sémiotiques**, 61-62-63, Limoges: PULIM, 1999, p. 1-70.
- _____. **Soma et séma, figures du corps**. Paris: Maisonneuve et Larose, 2004.
- FRUGONI, Arsenio. **Arnaud de Brescia**. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- FURET, François. Pour une définition des classes inférieures à l'époque moderne. **Annales ESC**, 18 (3), 1963, p. 459.
- _____. De l'histoire-récit à l'histoire problème. **Diogène**, nº 89, 1975.
- _____. **L'atelier de l'histoire**. Paris: Flammarion, 1987.
- GENETTE, Gérard. Frontières du récit. **Communications**, L'analyse structurale du récit (1966), 8, Seuil, coll.Points: 1981, n. 8, p.158-169.
- _____. Récit fictionnel, récit factuel. **Protée**, volume 19, nº 1, hiver 1991, p. 9-18.
- _____. **Fiction et diction**. Paris: Seuil, 1993.
- GINZBURG, Carlo. **Le fromage et les vers**. Paris: Aubier, 1980.
- GINZBURG Carlo; PONI Carlo. La micro-histoire. **Le débat**, nº 17, 1981, p. 133-138.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Du sens**. Paris: Seuil, 1970.
- _____. **Sémiotique et sciences sociales**. Paris: Seuil, 1976.
- _____. **Du sens II**: essais sémiotiques. Paris: Seuil, 1983.
- _____. Comment définir les indéfinis?. **Actes Sémiotiques Documents**. Paris: EHESS-CNRS, VIII, 72, 1986, p. 19-34.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. **Sémiotique des passions**: des états de choses aux états d'âme. Paris: Seuil, 1991.

- _____ ; COURTES, Joseph. **Sémiotique**: dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1993, tome 1.
- _____ . **Sémiotique**: dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1986, tome 2.
- _____ . **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2011.
- GUENEE, Bernard. **Entre l'Eglise et l'Etat**: quatre vies de prélats français à la fin du Moyen Age (XIII^e-XV^e siècle). Paris: Galimard, 1987.
- KLEIBER, Georges. **La sémantique du prototype**: catégories et sens lexical. Paris: P.U.F., 2e édition, 1999.
- LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie aujourd'hui?. **Le Débat**, n° 54, mars-avril, 1989.
- _____ . **Saint Louis**. Paris: Gallimard, 1999.
- LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1996.
- LE ROY LADURIE, Emmanuel. Evénement et longue durée dans l'histoire sociale: l'exemple chouan. **Communications**, vol. 18, n° 18, p. 72-84.
- LEVI, Giovanni. **Le pouvoir au village**: histoire d'un exorciste dans le Piémont du XVII^e siècle. Paris: Gallimard, 1989.
- _____ . Les usages de la biographie. **Annales**, nov.-déc. 1989.
- 70 LEVILLAIN, Pierre. Les protagonistes: de la biographie. In: RÉMOND René, **Pour une histoire politique**. Paris: Seuil, 1996.
- LORIGA, Sabina. La biographie comme problème. In : REVEL, Jacques (dir). **Jeux d'échelles**: la micro-analyse à l'expérience. Paris: Seuil-Gallimard, 1996.
- _____ . **Le petit x**: de la biographie à l'histoire. Paris: Seuil, 2010.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. **Les origines de la biographie en Grèce ancienne**. Strasbourg: Ed. Circé, 1991.
- OUELLET, Pierre. Pour une sémiotique tensive, les gradients du sens. Préface à J. Fontanille et C. Zilberberg, « Valence/valeur ». **Nouveaux Actes Sémiotiques**, 46-47, Limoges: PULIM, 1996, p. 3-12.
- _____ . **Poétique du regard. Littérature, perception, identité**. Limoges-Québec: PULIM-Septentrion, 2000.
- POTTIER, Bernard. **Théorie et analyse en linguistique**. Paris: Hachette, 1992.
- _____ . **Sémantique générale**. Paris: PUF, 1992.
- PROPP, Vladimir. **Morphologie du conte**. Paris: Seuil, 1973.
- PROST, Antoine. **Douze leçons sur l'histoire**. Paris: Seuil, 1996.
- REVEL, Jacques. Histoire et sciences sociales: les paradigmes des Annales. **Annales ESC**, novembre-décembre, 1979, n° 6, p. 1360-1376.

_____. L'histoire au ras du sol. In: LEVI, Giovanni. **Le pouvoir au village**: histoire d'un exorciste dans le Piémont du XVIIe siècle, Paris: Gallimard, 1989, p. I-XXXIII.

_____. **Jeux d'échelles**. Paris: EHESS/Gallimard/Seuil, 1996.

_____. Raconter et connaître: les usages du récit en histoire. **Divinatio**, volume 13, spring-summer 2001.

_____. La biographie comme problème historiographique. In :CABANEL, Patrick ; GUIBAL, Jean ; GRANET-ABISSEY, Anne-Marie (orgs). **Montagnes, méditerranée, mémoire**: mélanges offerts à Philippe Jautard. Grenoble: Musée Dauphinois, 2002.

RICOEUR, Paul. **Temps et récit**. 3 vol. Paris: Seuil, 1983-1985.

_____. **Soi-même comme un autre**. Paris: Seuil, 1990.

_____. **Du texte à l'action**. Paris: Seuil, 1998.

_____. **La mémoire, l'histoire et l'oubli**. Paris: Seuil, 2000.

SIMIAND, François. Méthode historique et sciences sociales. **Revue de synthèse historique**, 1903.

STONE, Lawrence. Retour au récit, ou réflexions sur une nouvelle vieille histoire.

Le Débat, 4, 1980, p. 116-142.

TORRES, Félix. Du champ des Annales à la biographie: réflexions sur le retour d'un genre. **Problèmes et méthodes de la biographie**. Actes du colloque, mai 1985, p. 141-148.

ZEMON DAVIS, Natalie. **Le retour de Martin Guerre**. Paris: Laffont, 1982.